

## O Pacto de Varsóvia na Guerra Fria: Origens, Evolução e Impactos

Alessandro Fernandes – UNISINOS (alfernandes@edu.unisinos.br)

**Resumo:** Este artigo analisa o Pacto de Varsóvia, uma aliança militar durante a Guerra Fria, e seu impacto nas relações internacionais. O Pacto de Varsóvia foi criado em 1955 como uma resposta à rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética. O artigo explora suas origens nas conferências pós-guerra, como a Conferência de Yalta e a Conferência de Potsdam, que delinearão a nova ordem mundial. Durante a Guerra Fria, o Pacto de Varsóvia desempenhou um papel fundamental como uma contraparte militar do bloco oriental, liderado pela União Soviética. Suas operações militares na Hungria e na Tchecoslováquia, bem como a intervenção no Afeganistão, destacam a determinação do bloco em manter sua influência a qualquer custo. O artigo também aborda a expansão da OTAN em direção ao leste após o colapso do Pacto de Varsóvia, que gerou tensões com a Rússia e influenciou o cenário geopolítico atual. Além disso, destaca a importância da *perestroika*, implementada por Mikhail Gorbachev, na queda do Pacto de Varsóvia e na dissolução da União Soviética. O legado do Pacto de Varsóvia inclui divisões políticas persistentes na Europa, influências nas políticas de segurança e tensões entre a Rússia e o Ocidente. O artigo conclui enfatizando como os eventos históricos continuam a influenciar o cenário global e a importância de aprender com o passado para moldar o futuro das relações internacionais.

**Palavras-chave:** Pacto de Varsóvia, Guerra Fria, Cortina de Ferro, Operações Militares, Leste Europeu.

*The Warsaw Pact in the Cold War: Origins, Evolution and Impacts*

**Abstract:** This article analyzes the Warsaw Pact, a military alliance during the Cold War, and its impact on international relations. The Warsaw Pact was created in 1955 as a response to the rivalry between the United States and the Soviet Union. The article explores its origins in the post-war conferences, such as the Yalta Conference and the Potsdam Conference, which outlined the new world order. During the Cold War, the Warsaw Pact played a key role as a military counterpart to the Eastern bloc, led by the Soviet Union. Its military operations in Hungary and Czechoslovakia, as well as its intervention in Afghanistan, highlight the bloc's determination to maintain its influence at any cost. The article also looks at NATO's eastward expansion after the collapse of the Warsaw Pact, which generated tensions with Russia and influenced the current geopolitical landscape. It also highlights the importance of *perestroika*, implemented by Mikhail Gorbachev, in the fall of the Warsaw Pact and the dissolution of the Soviet Union. The legacy of the Warsaw Pact includes persistent political divisions in Europe, influences on security policies and tensions between Russia and the West. The article concludes by emphasizing how historical events continue to influence the global landscape and the importance of learning from the past to shape the future of international relations.

**Keywords:** Warsaw Pact, Cold War, Iron Curtain, Military Operations, Eastern Europe.

### 1 - INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O período da Guerra Fria, caracterizado pela intensa rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética após a Segunda Guerra Mundial, deixou uma marca profunda na ordem mundial da época. Essa rivalidade surgiu da polarização ideológica entre o capitalismo liderado pelos Estados Unidos e o comunismo liderado pela União Soviética, criando uma atmosfera de desconfiança e competição que afetou todas as dimensões das relações internacionais.

Para entender as origens do Pacto de Varsóvia, é fundamental considerar as conferências que moldaram a nova ordem global no pós-guerra, como a Conferência de Yalta e a Conferência de Potsdam. Nessas reuniões, líderes das potências aliadas discutiram o destino da Europa após a derrota do Eixo e chegaram a acordos significativos.

Durante esse período, a União Soviética intensificou seus esforços para estabelecer regimes alinhados com o comunismo na Europa Oriental. Esses países, embora formalmente soberanos, eram efetivamente influenciados pela União Soviética.

Foi nesse contexto que o Pacto de Varsóvia foi concebido em 1955, unindo a União Soviética e vários países do Leste Europeu em um compromisso de defesa mútua.

As origens do Pacto de Varsóvia desempenharam um papel crucial nas relações internacionais da Guerra Fria, e os próximos capítulos explorarão seu impacto, operações militares, declínio e dissolução, bem como as mudanças no cenário geopolítico que se seguiram. Esta pesquisa visa preencher a lacuna existente na literatura histórica, aprofundando nossa compreensão do Pacto de Varsóvia, especialmente quando comparada à ampla documentação disponível sobre organizações como a OTAN. Origens e Formação do Pacto de Varsóvia.

## **2 - METODOLOGIA**

O trabalho apresentado examina o Pacto de Varsóvia e seu impacto nas relações internacionais, focando nas origens e evolução desta aliança militar durante a Guerra Fria. A metodologia usada para abordar esse tema envolve uma análise histórica, documental e comparativa. O autor investiga as conferências pós-guerra, como a Conferência de Yalta e a Conferência de Potsdam, para entender o contexto em que o Pacto de Varsóvia surgiu. Além disso, o estudo examina operações militares e intervenções promovidas pelo Pacto de Varsóvia em países como Hungria e Tchecoslováquia, bem como a influência no conflito no Afeganistão. O papel das reformas internas na União Soviética e sua relação com o colapso

do Pacto também é abordado. O trabalho conclui destacando o legado do Pacto de Varsóvia nas relações internacionais contemporâneas, enfatizando a importância de compreender o passado para moldar o futuro.

### 3 – O PACTO DE VARSÓVIA NA GUERRA FRIA

A Guerra Fria, um período de tensões profundas entre os Estados Unidos e a União Soviética, viu o surgimento do Pacto de Varsóvia como um ator crucial no tabuleiro geopolítico. Sob a liderança soviética, essa aliança desempenhou um papel de destaque em uma série de eventos de relevância histórica. Inicialmente considerado como uma resposta defensiva à formação da OTAN e suas estratégias na Alemanha, que era um epicentro da Guerra Fria, o Pacto de Varsóvia (CALZADA, 2004) representava uma reação ao receio soviético quanto à rearmamentação alemã e à permanência dos Estados Unidos na região.

Os líderes soviéticos buscaram ativamente a integração na OTAN, enviando propostas à Grã-Bretanha e sinalizando a criação de um sistema de segurança europeu e a entrada da URSS na OTAN entre 1952 e 1954. No entanto, essas propostas, incluindo planos para estabilizar a situação alemã sob a condição de neutralidade, não obtiveram aceitação (MUNHOZ, 2020).

A morte de Stalin em 1953 não alterou substancialmente esse cenário, e as novas lideranças soviéticas buscaram negociações para resolver essas questões. Em 1954, o ministro Molotov apresentou uma alternativa ao sistema de segurança europeu planejado pelo Ocidente, mas a proposta foi rejeitada pelas lideranças ocidentais, que a viram como prejudicial à consolidação da OTAN e ao sistema de defesa europeu (MUNHOZ, 2020, p. 200).

O Pacto de Varsóvia se destacou notavelmente por suas operações militares e intervenções. Um exemplo significativo foi a brutal repressão do levante húngaro em 1956 quando a Hungria buscou autonomia e reformas políticas. Em 1956, tropas soviéticas e de outros membros do Pacto intervieram na Hungria, restaurando o governo pró-soviético (CONCEIÇÃO, 2021).

Da mesma forma, em 1968, o Pacto demonstrou seu compromisso ao invadir a Tchecoslováquia para sufocar a Primavera de Praga liderada por Alexander Dubček. Essas ações refletiram a determinação do Pacto de Varsóvia em manter sua influência na Europa Oriental durante a “Primavera de Praga” (MELO, 2018).

Além das operações na Europa Oriental, o Pacto de Varsóvia desempenhou um papel notável na Guerra Fria ao se envolver no conflito no Afeganistão a partir de 1979. A União Soviética e outros membros da aliança intervieram militarmente no Afeganistão para apoiar um governo pró-soviético em Cabul, desencadeando uma guerra longa e sangrenta com implicações significativas para a região e a dinâmica global da Guerra Fria (TRAUMANN; KAMINSKI, 2016).

Outro marco crucial na história do Pacto de Varsóvia foi a construção do Muro de Berlim em 1961, uma iniciativa das autoridades da Alemanha Oriental que contou com o apoio tácito da União Soviética e dos membros da aliança. O Muro de Berlim se tornou um símbolo visível da divisão do mundo em dois blocos, com o Pacto de Varsóvia representando a esfera de influência soviética na Europa Oriental (MUNHOZ, 2020).

Além das operações militares, o alinhamento ideológico do Pacto de Varsóvia fortaleceu a coesão no bloco oriental, com sistemas políticos e econômicos comunistas compartilhados, liderados pela União Soviética. No entanto, é importante notar a exceção da Romênia dentro do Pacto de Varsóvia. Sob a liderança de Nicolae Ceaușescu, a Romênia se destacou por adotar uma postura relativamente independente em relação às políticas soviéticas, embora não tenha rompido formalmente com a aliança. A Romênia expressou seu repúdio às ações excessivas do Pacto de Varsóvia, demonstrando independência em suas relações internacionais, especialmente ao condenar abertamente a ocupação soviética no Afeganistão (MARQUES; OLIVEIRA, 2013).

#### **4 - O PODERIO BÉLICO DO PACTO DE VARSÓVIA**

Uma das características mais marcantes do Pacto de Varsóvia era o seu considerável poderio militar. Esta aliança de Estados socialistas, liderada pela União Soviética, não apenas representava uma frente coesa contra a influência da OTAN, mas também detinha forças armadas significativas.

O ponto central do poderio militar do Pacto de Varsóvia era, sem dúvida, a União Soviética. Como a maior potência dentro da aliança, a União Soviética contribuiu com uma grande parte dos recursos humanos e materiais. Ela possuía uma das maiores forças armadas do mundo na época, incluindo um extenso exército, força aérea e marinha.

A capacidade nuclear do Pacto de Varsóvia também era notável. A União Soviética havia desenvolvido um arsenal nuclear considerável, que poderia ser empregado em caso de uma escalada do conflito. A presença de armas nucleares no arsenal do Pacto de Varsóvia

garantia que o equilíbrio do terror, a chamada "Mútua Destruição Assegurada", fosse mantido, dissuadindo qualquer ação agressiva por parte da OTAN (MUNHOZ, 2020).

Além da União Soviética, outros membros da aliança, como a Alemanha Oriental e a Polônia, contribuíram com consideráveis forças convencionais, incluindo tanques, artilharia e uma presença militar robusta. Essas forças eram distribuídas principalmente na Europa Oriental, criando uma postura defensiva contra a OTAN, caso ocorresse um conflito (MARES, 1991).

O Pacto de Varsóvia adotou uma estratégia que enfatizava a defesa do território da Europa Oriental. Esta estratégia incluía a manutenção de uma presença militar significativa ao longo da chamada "Cortina de Ferro". Isso significava que, em caso de um conflito, o Pacto estava preparado para conter qualquer avanço da OTAN nessa região.

Além de suas capacidades na Europa, os Estados-membros do Pacto de Varsóvia também desempenharam um papel em conflitos globais. Seja fornecendo apoio militar a regimes alinhados com o Pacto ou envolvendo-se diretamente em conflitos regionais, a aliança desempenhou um papel na política internacional. A Guerra do Vietnã é um exemplo disso, onde nações do Pacto de Varsóvia apoiaram o Vietnã do Norte contra os interesses dos Estados Unidos (BONED, 1988).

## 5 - A EXCLUSÃO DA IUGOSLÁVIA E A SAÍDA DA ALBÂNIA

É fundamental ressaltar o impacto duradouro da decisão corajosa de Josip Broz Tito, líder da Iugoslávia, de se distanciar do Pacto de Varsóvia em 1948 e adotar uma política de não alinhamento em pleno auge da Guerra Fria (GOYTISOLO, 1991). Essa escolha teve um profundo impacto na dinâmica geopolítica da época. Embora a Iugoslávia fizesse parte do bloco comunista, optou por não se tornar um membro do Pacto de Varsóvia, o que permitiu que suas forças locais operassem com considerável autonomia em relação às diretrizes soviéticas. Essa independência se manifestou durante o conflito na Grécia, quando as forças iugoslavas derrotaram seus inimigos sem a assistência do Exército Vermelho (BARCELLOS, 1988; MUNHOZ, 2020).

Além disso, a história do Pacto de Varsóvia apresenta um segundo momento crucial com a saída da Albânia em 1968. Liderada por Enver Hoxha, a Albânia decidiu deixar a aliança, expressando seu descontentamento com a influência soviética (CALZADA, 2004). Esse movimento aprofundou as já existentes tensões internas na aliança e ilustrou vividamente as divergências entre os Estados-membros do Pacto de Varsóvia. A Albânia,

apesar de seu tamanho relativamente pequeno, compartilhava proximidade geográfica e ideológica com a Iugoslávia de Tito. Além disso, desempenhou um papel de destaque no conflito sino-soviético, contrariando a posição de Moscou e levando à ruptura das relações entre Tirana e o Kremlin em 1961 (JONES, 1981; CALZADA, 2004).

Esses eventos não apenas evidenciam a determinação do Pacto de Varsóvia em manter a influência soviética, mas também as fissuras crescentes no próprio bloco comunista. Além disso, as divergências entre a União Soviética e a China na década de 1960, que culminaram em um afastamento significativo, acrescentaram complexidade às relações dentro do mundo comunista (SAN JAIME, 2004). Portanto, essas rupturas e divergências internas no Pacto de Varsóvia lançam luz sobre a intrincada natureza das alianças políticas durante a Guerra Fria.).

## 6 – O FIM DO PACTO DE VARSÓVIA

O colapso do Pacto de Varsóvia e a queda da Cortina de Ferro marcaram um ponto de virada crucial na história da Guerra Fria e na geopolítica global. Para compreender esse desfecho, é fundamental explorar o papel decisivo desempenhado pela política de *perestroika*, implementada por Mikhail Gorbachev na União Soviética, e os impactos que essa transformação teve nas demais repúblicas que compunham o Pacto de Varsóvia, bem como a relação direta com o fim da União Soviética (REIS FILHO, 1997).

A *perestroika*, que significa "reestruturação" em russo, foi uma política lançada por Gorbachev em meados dos anos 80. Ela tinha como objetivo reformar e revitalizar a economia soviética e o sistema político. Gorbachev (1987) reconheceu a necessidade de reformas substanciais para enfrentar os problemas crescentes no sistema soviético.

Internamente, a *perestroika* trouxe reformas que permitiram uma certa liberalização na União Soviética. Houve uma abertura moderada na mídia, permitindo críticas construtivas e a discussão de problemas sociais e políticos, incentivando uma nova onda de pensamento crítico entre os cidadãos soviéticos, já no cenário internacional, ela trouxe uma mudança na política externa soviética. A União Soviética começou a adotar uma abordagem mais conciliatória e cooperativa nas relações internacionais, buscando reduzir as tensões com o Ocidente e abrir espaço para negociações significativas.

As nações do Pacto de Varsóvia que estavam sob a esfera de influência soviética acompanharam de perto as reformas na União Soviética, e que inspiraram mudanças semelhantes nos Estados-membros do Pacto de Varsóvia, com movimentos pró-democracia

ganhando força em países como a Polônia, Hungria e Tchecoslováquia (GONZÁLEZ, 2020).

Esse processo levou à queda do Muro de Berlim em novembro de 1989, um ícone desse período histórico que simbolizou a reunificação pacífica da Alemanha e a abertura de um novo capítulo na Europa. Com as nações do Pacto buscando maior autonomia e democracia, ficou claro que a coesão do bloco estava desmoronando. Em 1989, os líderes desses países começaram a tomar medidas para se distanciar do Pacto de Varsóvia, marcando o início do fim da aliança militar.

Ao mesmo tempo, a União Soviética estava enfrentando sua própria crise interna, que culminou na dissolução da URSS em 1991. As repúblicas que compunham o Pacto de Varsóvia também estavam observando a desintegração da União Soviética, o que impactou diretamente a estrutura e a continuidade do próprio Pacto (BONED, 1988).

As repúblicas que compunham o Pacto de Varsóvia, incluindo a Polônia, Hungria e Tchecoslováquia, enfrentaram revoltas populares e uma crescente pressão por reformas democráticas. Os governos comunistas nesses países se viram cada vez mais enfraquecidos. Em um contexto de agitação e manifestações populares, esses governos começaram a desmoronar. Em um efeito dominó, lideranças pró-democracia surgiram, e o antigo sistema de governo perdeu sua base de apoio.

Antes mesmo do colapso da União Soviética, foi observado um processo de distanciamento por parte dos países pertencentes ao Pacto de Varsóvia das diretrizes do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), demonstrando um reconhecimento crescente da autodeterminação dos povos do Leste Europeu. Isso fica claro no trecho a seguir:

El apoyo por parte de los países occidentales a la Unión Soviética, en especial a su principal dirigente Mikhail Gorbachov, en cuestiones que podrían desestabilizarla, como las reivindicaciones de las distintas nacionalidades, problemas fronterizos resultantes de la Segunda Guerra Mundial (Acta Final de Helsinki), han evitado, o al menos detenido la conflictividad en el resto de los países del Pacto de Varsovia, Después de la decisión adoptada en el Acuerdo de Moscú, de septiembre del año 1990, sobre las futuras fronteras alemanas (LÓPES, 1991, p. 59).

Aproveitando o período de significativas mudanças políticas na União Soviética, que resultou no afastamento da influência de Moscou sobre o Leste Europeu, a Tchecoslováquia testemunhou a Revolução de Veludo em 1989. Esse movimento buscava a restauração dos princípios democráticos e demandava a queda do regime comunista, que estava associado ao Kremlin. O governo de Gustáv Husák não recebeu apoio das forças do Pacto de Varsóvia, o que impossibilitou a repressão aos manifestantes. Como resultado dos protestos, ocorreu a transição para o governo de Václav Havel,

marcando o primeiro governo não comunista desde o final da Segunda Guerra Mundial (PIAMOLINI, 2021).

Com o colapso da União Soviética, também se perdeu o propósito de manter o acordo de proteção militar. Em 25 de fevereiro de 1991, os estados-membros do Pacto de Varsóvia dissolveram suas estruturas militares, durante uma Conferência dos Ministros do Exterior e da Defesa dos Países-membros realizada em Budapeste, Hungria. Essa decisão foi motivada, em grande parte, pela busca de uma política interna de afastamento do PCUS. A maioria dos Estados-membros do Pacto voltou-se para o Ocidente em busca de parcerias políticas e econômicas (CASTRO, 1995; FERNANDES, 2014).

## 7 – A EXPANSÃO DA OTAN RUMO AO LESTE

O fim da Guerra Fria, com a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991, alterou significativamente a paisagem da segurança global, exigindo uma reorientação estratégica para os Estados Unidos e seus aliados. A ordem bipolar que havia dividido o mundo entre as esferas de influência das superpotências capitalista e comunista desmoronou com a queda da Cortina de Ferro. Assim, a ameaça predominante para os Estados do bloco Ocidental não era mais a superpotência soviética, que havia sido o inimigo estatal por tanto tempo (PHYTHIAN, 2009).

Nesse novo cenário mundial, em 1997, foi assinado o "Ato Fundador OTAN-Rússia", um acordo que visava estabelecer um relacionamento de colaboração em segurança entre a OTAN e a Rússia. Cinco anos depois, o Conselho OTAN-Rússia foi formado, incluindo a Rússia como um parceiro com assento permanente na sede da OTAN. No entanto, os conflitos na Chechênia levaram os estados-membros a perceber que a Rússia não se encaixava confortavelmente no bloco (SAYLE, 2019).

Antes mesmo da dissolução da URSS, em seguida à queda do Muro de Berlim em 1989, iniciou-se um processo de negociação entre o então secretário-geral soviético, Mikhail Gorbachev, e o presidente dos Estados Unidos, George Bush. Esse processo teve como base duas premissas: a reunificação pacífica da Alemanha e a dissolução do Pacto de Varsóvia, com duas condições do lado soviético: a Alemanha Oriental não seria militarizada e a OTAN não incorporaria os antigos países do Pacto de Varsóvia (MEARSHEIMER, 2014; BRAGA, 2023).

No entanto, ambas as premissas foram descumpridas. A expansão da OTAN em direção ao leste, que teve início após a Guerra Fria e a queda da União Soviética, envolveu a adesão de várias nações que anteriormente estavam sob a influência soviética. Esse processo



começou no governo Clinton, com a adesão da República Tcheca<sup>1</sup>, Hungria e Polônia à Organização em 1999. Bulgária, Romênia, Eslováquia e três antigas repúblicas da URSS (Estônia, Letônia e Lituânia) ingressaram em 2004, durante o governo de George W. Bush, enquanto Albânia e Croácia<sup>2</sup> aderiram em 2009 sob o governo de Barack Obama. Por fim, Montenegro e Macedônia do Norte tornaram-se membros durante o governo de Donald Trump (MARSHALL, 2018).

A ampliação da OTAN, embora tenha proporcionado vantagens em termos de segurança e integração nas instituições ocidentais, também desencadeou tensões significativas com a Rússia. O conflito entre Rússia e Ucrânia, que teve início em 2014 e ressurgiu em 2022, emergiu como um ponto central nessa complexa relação. A Ucrânia expressou seu desejo de se aproximar da União Europeia e da OTAN, um movimento que provocou a anexação da Crimeia pela Rússia e o apoio a grupos separatistas pró-russos no leste do país, culminando na ocupação militar atual. Essas ações resultaram em sanções internacionais contra a Rússia e no fortalecimento das defesas dos países-membros da OTAN na Europa Oriental (TANGREDI, 2013; TROIANOVSKI, 2021).

Além disso, a Rússia demonstrou preocupações substanciais em relação à possível adesão da Ucrânia à União Europeia, uma apreensão tão relevante no Kremlin quanto a perspectiva de seu ingresso na OTAN. Isso se deve, em parte, ao receio de que a Ucrânia possa se tornar um exemplo de um estado eslavo economicamente bem-sucedido que adota princípios de livre mercado e democracia. Essas apreensões são agravadas pelo fato de o Presidente Putin ter vivido uma parte significativa de sua carreira na Alemanha e testemunhado o colapso da Alemanha Oriental, que acabou se reunindo com a Alemanha Ocidental, oferecendo uma qualidade de vida superior (VASCONCELOS; TURRER, 2022).

Os desdobramentos da expansão da OTAN e do conflito na Ucrânia tiveram repercussões na geopolítica mundial. As relações entre a Rússia e as nações ocidentais se deterioraram substancialmente, levando a um período de intensa tensão geopolítica e militar. Por sua vez, a OTAN intensificou sua presença na Europa Oriental, realizando exercícios militares conjuntos e implantando forças de dissuasão (FRIEDMAN, 2022; SACHS, 2022).

---

<sup>1</sup> A divisão da Tchecoslováquia em 1993 é um exemplo notável de separação pacífica que resultou na formação da República Tcheca e da Eslováquia, demonstrando a importância da autodeterminação e soluções políticas para desafios de identidade e soberania.

<sup>2</sup> Após a dissolução do Pacto de Varsóvia em 1991, a Iugoslávia se desintegrou, resultando na formação de várias nações independentes nos Balcãs, incluindo Sérvia, Croácia, Eslovênia, Bósnia e Herzegovina, Montenegro e Macedônia. Esse processo tumultuado e complexo, marcado por conflitos, incluindo a Guerra Civil Iugoslava, alterou significativamente a paisagem geopolítica da região, com implicações de longo prazo.

## 8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das origens e evolução do Pacto de Varsóvia oferece uma visão perspicaz das complexas dinâmicas da Guerra Fria. Esse período de intensa rivalidade entre as superpotências dos Estados Unidos e da União Soviética moldou não apenas a Europa, mas também o cenário global, deixando marcas profundas na ordem mundial.

As origens do Pacto de Varsóvia remontam às conferências pós-guerra, onde diferenças ideológicas e territoriais entre as superpotências começaram a se aprofundar. A expansão comunista na Europa Oriental, sob o controle da União Soviética, levou à formação deste pacto militar em 1955, que visava garantir a coesão e segurança dos Estados do bloco oriental.

Durante a Guerra Fria, o Pacto de Varsóvia desempenhou um papel fundamental, não apenas como uma aliança militar, mas como um instrumento de influência política. Suas operações militares, como a intervenção na Hungria e na Tchecoslováquia, demonstraram a determinação do bloco em manter sua influência na Europa Oriental, independentemente do custo.

No entanto, o Pacto de Varsóvia também enfrentou desafios internos e externos, que culminaram em seu declínio e dissolução. As reformas internas na União Soviética, em particular a *perestroika*, inspiraram movimentos pró-democracia em seus Estados-membros e desencadearam o colapso da aliança.

O fim do Pacto de Varsóvia, a queda da Cortina de Ferro e a dissolução da União Soviética marcaram um ponto de virada na história da Guerra Fria e da geopolítica global. Isso demonstrou a força da busca pela democracia e os desafios enfrentados pelos regimes comunistas na Europa Central e Oriental. Esses eventos inauguraram uma nova era nas relações internacionais, com implicações duradouras para o mundo contemporâneo.

Além disso, a expansão da OTAN em direção ao leste e as tensões resultantes com a Rússia continuam a influenciar o cenário geopolítico, exigindo uma atenção contínua às políticas de segurança e à dinâmica das relações internacionais.

## 9 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, W. O. A defesa total Iugoslava como estratégia de dissuasão. *A Defesa Nacional*, n. 738, pp. 60-66, 1988.

BONED, F. P. Vulnerabilidades estratégicas del Pacto de Varsovia: la fiabilidad de los aliados de la URSS. *Boletín de Información*, n. 210, p. 2, 1988.

BRAGA, C. P. A Quimera de Putin. *Valor Econômico*, 02 mar. 2023, p. A15.

CALZADA, O. A. El flanco Sur del Pacto de Varsovia: Relevancia Estratégica y sus Consecuencias. *Papeles del Este*, n., 9, pp. 1-35, 2004.

CASTRO, T. Tchecoslováquia: expedientes da história. *Revista da Escola Superior de Guerra*, v. 30, pp. 111-122, 1995.

CONCEIÇÃO, M. V. A Revolução Húngara de 1956: uma desmistificação do processo de desestalinização da União Soviética. *Movimentos Sociais*, Goiânia, v. 6, n. 9, 2021.

FERNANDES, M. A reunificação política da Alemanha (1989/1990): no contexto das relações entre as grandes potências. *Lusíada: Política Internacional e Segurança*, n 10, pp. 83-123, 2014.

FRIEDMAN, T. L. This Is Putin's War. But America and NATO Aren't Innocent Bystanders. *The New York Times*, 21 fev. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/02/21/opinion/putin-ukraine-nato.html>. Acesso em: 19 out. 2023.

GONZÁLEZ, M. Doctrina y práctica de intervencionalismo soviético (antes y después de la Perestroika). *Alegatos*, v. 1, n. 15-16, pp. 99-109, 2020.

GORBACHEV, M. *Perestroika - Novas Idéias Para o Meu País e o Mundo*. Best Seller, 9 ed. 1987.

GOYTISOLO, J. A. Adiós, Pacto de Varsovia. *La Vanguardia*, 27 fev. 1991, p. 21.

JONES, C. *Soviet Influence in Eastern Europe: Political Autonomy and the Warsaw Pact*. Praeger, 1981.

LÓPEZ, B. B. Situación em los países del Pacto de Varsovia. *Cuadernos de Estrategia*, n. 36, pp. 59-74, 1991.

MARES, D. R. Escenarios de seguridad en Europa Oriental y América Latina. *Estudios Internacionales*, v. 24, n. 93, pp. 19-41, 1991.

MARQUES, T. C. S.; OLIVEIRA, A. E. A. De Praga ao mundo árabe: uma análise comparada de primaveras políticas. *Conjuntura Austral*, v. 4, n. 17, pp. 115-129, 2013.

MARSHALL, T. *Prisioneiros da geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global*. [e-book]. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 258 p.

MEARSHEIMER, J. J. Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin. *Foreign Affairs*, out. 2014.

MELO, W. F. Tchecoslováquia em 1968: A construção do socialismo interrompido. *MovimentAção*, Dourados, v.5, n. 9, pp. 27-54, 2018.

MUNHOZ, S. J. *Guerra Fria: história e historiografia*. Curitiba: Appris, 2020. 313 p.

PHYTHIAN, M. Intelligence theory and theories of international relations: Shared world or separate worlds? In: GILL, Peter; MARRIN, Stephen; PHYTHIAN, Mark. *Intelligence Theory: Key questions and debate*. Abingdon: Routledge, 2009. pp. 54-72

PIAMOLINI, A. A Revolução de Veludo e a transição política e econômica na Tchecoslováquia. *Revista das Relações Exteriores*, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/revolucao-de-veludo-tchecoslovaquia/>. Acesso em: 21 out. 2023.

REIS FILHO, D. A. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. 296 p.

SACHS, J. Como Proteger a soberania da Ucrânia. *Valor Econômico*, 10 fev. 2022, p. A17.

SAYLE, T. A. *Enduring Alliance: A History of NATO and the Postwar Global Order*. [e-book]. Cornell University Press: Illustrated, 2019. 360 p.

SAN JAIME, O. A. El flanco sur del pacto de Varsovia. Relevancia estratégica y sus consecuencias. *Papeles del Este: Transiciones poscomunistas*, n. 9, p. 11, 2004.

TANGREDI, S. *Anti-access warfare: countering A2/AD strategies*. Maryland: Naval Institute Press, 2013.

TRAUMANN, A.; KAMINSKI, M. O Waterloo da Guerra Fria: antecedentes da invasão soviética ao Afeganistão. *Revista de Análise Internacional*, Curitiba, v. 1, n. 1, pp. 3-12, 2016.

TROIANOVSKI, A. Putin and West Spar Over NATO's Military Ties to Ukraine. *New York Times*, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/12/01/world/europe/putin-nato-russia-ukraine.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

VASCONCELOS, R.; TURRER, R. “Putin teme mais o avanço da UE que o da OTAN”, diz Thomas Friedman. São Paulo: *Estadão*, 22 maio 2022, pp. A22-A23.